

Globethics Repository



Tolerância em nome da pacificação [Tolerance in the name of pacifying]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Zanoni, Anelise
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-10-30 02:17:27
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/159926

“Às vezes eu não sabia qual técnica usar; não pensava mais na advocacia, mas em que forma poderíamos fazer o trabalho para ajudar as pessoas”

as Convenções Internacionais das quais Angola faz parte fossem cumpridas e igualmente as leis nacionais.

Às vezes eu não sabia qual técnica usar; não pensava mais na advocacia, mas em que forma poderíamos fazer o trabalho para ajudar as pessoas. Tivemos de lidar com pessoas problemáticas e aprender a convencê-las, mudar de opinião e atitudes. Graças a Deus, nossa equipe era unida, corajosa, otimista e motivada em princípios, valores e na missão do SJR de acompanhar, servir e defender os refugiados e requerentes de asilo em qualquer circunstância ou condição.”

Curiosidades

Angola tem uma população aproximada de 15 milhões e mais de 50% têm menos de 20 anos de idade. A expectativa de vida gira em torno de 38 anos para o homem e 44 anos para a mulher. No continente africano a Angola é o segundo produtor de petróleo, quarto em diamantes. A agricultura é primitiva e necessita ser desenvolvida. A população vive com 1 dólar americano por dia. É no mundo o segundo em mortalidade infantil. O sistema político é presidencialista, e o atual presidente está no cargo há 32 anos. Desde 2002 o país iniciou a reconstrução em todos os sentidos, tais como vidas e infraestruturas. Atualmente o custo de vida é muito elevado devido à importação da maioria dos produtos alimentícios. Muito deve ser feito por lá, e a qualidade de vida está melhorando com possibilidades de ser ótimo país de referência no continente africano.

Tolerância em nome da pacificação

Jornalista e doutor em Ciências da Comunicação, Jacques Wainberg explica que boa vontade e esforço são necessários para que a diferença entre culturas não se transforme em munição para o ódio

POR ANELISE ZANONI

A busca da pacificação e da tolerância a minorias como os refugiados exige esforço e boa vontade. Do contrário, de acordo com Jacques Wainberg, pós-doutor em ciências da comunicação, lançamos munição suficiente para a incitação ao ódio e à pregação genocida.

Com a capacidade de captar a atenção do público, “a mídia tem certo poder em estabelecer uma pauta pública de debates e de criar um clima de opinião pública sobre temas sociais”, reflete o especialista. A partir desse ponto de vista, fica claro que a imprensa tem em mãos a possibilidade de colaborar para a manutenção da paz - ou da guerra. Entretanto, o interesse por fatos violentos, que incitam o ódio, são mais propensos à audiência.

“A violência atrai mais a atenção do que a paz”, diz o jornalista, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**, justificando o porquê de preferirmos “prestar mais atenção nos bandidos do que nos pacificadores”.

Nessa perspectiva, um instrumento que ajudaria na tolerância humana por meio da mídia seria o jornalismo para a paz, “um propósito nobre que envolve a mudança de valores do jornalismo na forma como ele é praticado hoje em dia.”

Graduado em História pela PUCRS, Jacques Wainberg é bacharel em Jornalismo pela Universidade da Flórida, mestre em Jornalismo pela University of South Carolina, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo - USP e pós-doutor pela Universidade do Texas. Atualmente é professor titular da PUCRS. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Muito se fala sobre a interculturalidade e mescla de identidades, o que nos faz pensar que o mundo está aberto para as diferenças. Entretanto, percebemos a intolerância. Você acredita que esse seja um movimento que colabora para a geração de conflitos?

Jacques Wainberg - Não há a menor dúvida que as diferenças em geral, e as culturais em particular, são obstáculos a serem ultrapassados na busca da pacificação. Este não é um desafio fácil como se observa nos inúmeros fatos da história. Gostamos de nos cercar de pessoas que partilham valores comuns. Nossa cultura é nossa zona de conforto. Nela não precisa-

mos nos explicar, pois o que fica subentendido ou implícito é perfeitamente compreendido pelos que partilham comigo de um lastro comum. O contrário também é verdadeiro. A diferença demanda boa vontade e esforço para que não se torne em munição para a incitação ao ódio e à pregação genocida.

IHU On-Line - Atualmente, com o número avançado de conflitos pelo mundo, como você avalia a cobertura da imprensa sobre a situação dos milhões de refugiados no mundo?

Jacques Wainberg - Na Europa este é um tema presente. Lá os refugiados são visíveis e em grande número. Eles

chegam às costas da Itália, da Espanha e de outros países tornando sua aclimatação ao novo ambiente um desafio que envolve toda a sociedade. A mídia cobre todo este drama intensamente.

IHU On-Line - No seu artigo “Nações em guerra, repórteres em luta”¹ você fala que, quando se está em guerra, a reportagem torna-se uma extensão do esforço militar de abater o inimigo. Sob essa perspectiva, como a mídia pode modular pensamentos e ideias sobre a produção massiva de refugiados no mundo?

Jacques Wainberg - A mídia tem certo poder em estabelecer uma pauta pública de debates e de criar um clima de opinião pública sobre temas sociais. Isso também ocorre no tema dos refugiados. Na Inglaterra, por exemplo, o embate é feroz. A aversão à chegada de novos imigrantes e refugiados é crescente. A primeira-ministra alemã e o primeiro-ministro inglês declararam recentemente que o multiculturalismo fracassou. Na França este embate envolve agora a polícia que prende mulheres que andam nas ruas com burca. A mídia, ao dar destaque a estes as-

¹ Artigo publicado na Revista FAMECOS, n. 5, de nov. 1996. Disponível em <http://migre.me/4yUOZ>. (Nota da IHU On-Line)

“A diferença demanda boa vontade e esforço para que não se torne em munição à incitação ao ódio e à pregação genocida”

suntos, acirra o debate e os ânimos.

IHU On-Line - Você acredita que uma forma de modificar a atuação da mídia seria por meio do Jornalismo para Paz?²

Jacques Wainberg - O Jornalismo para a Paz equivale ao movimento iniciado com a Educação para a Paz. É um propósito nobre que envolve a mudança de valores do jornalismo na forma como ele é praticado hoje em dia. Não é impossível colocá-lo em prática, mas é difícil.

² **Jornalismo para Paz:** corrente jornalística que prega a cobertura de conflitos de forma construtiva. Foi criada a partir da conclusão de que a maioria das notícias sobre conflitos muitas vezes tem um viés de valor para a violência. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Como a mídia poderia usar o exemplo do Jornalismo para Paz a fim de tratar questões relacionadas a conflitos e refugiados?

Jacques Wainberg - Estudos empíricos têm mostrado que ele tem sido praticado ocasionalmente. É um instrumento que ajuda a tolerância humana em relação aos temas polêmicos que usualmente dividem as pessoas.

IHU On-Line - Com a chamada Era do Terror percebemos a potencialidade comunicacional do ato terrorista. Você acredita que a morte de Osama bin Laden pode representar uma guinada no conteúdo da imprensa?

Jacques Wainberg - Não acredito. A violência atrai mais a atenção do que a paz. Preferimos prestar mais atenção nos bandidos que nos pacificadores.

LEIA MAIS...

Confira outra entrevista concedida por Jacques Wainberg e publicada no site do IHU:

* 11 de setembro: cinco anos. O terror transmitido ao vivo pela mídia. Entrevista publicada em 12-09-2006 nas Notícias do Dia e disponível em <http://migre.me/4yUCB>.

Evento: IHU ideias - Junho 2011

Novo código florestal brasileiro: degradação da agricultura, aumento dos problemas sociais e destruição da natureza

Prof. Francisco Milanez - Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (Agapan) e Fundação para o Desenvolvimento Ecologicamente Sustentado (Ecofund)

Data: 02 de junho

Horário: Das 17h30min às 19h

Informações em www.ihu.unisinos.br